

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

Música Popular e Interdisciplinaridade

Dentre as diversas expressões artísticas, a chamada *música popular* – termo que embora discutível se consagrou para distinguir a “música industrializada/de entretenimento” da “erudita/culta” e da “folclórica” – é, sem dúvida, aquela que consegue perpassar diferentes classes sociais, em muito devido ao registro fonográfico. A possibilidade de gravação, reprodução e veiculação, esta última principalmente com o advento do rádio, contribuiu consideravelmente com esse processo, trazendo também como consequência a adequação da música popular a um conjunto de condicionantes estéticos e formais. Se por um lado isso possibilita a sua difusão, por outro pode acarretar na padronização do ouvido. De todo modo, a música popular – por si só polissêmica – é intrínseca ao processo social, exprimindo, não só em suas letras, mas em tudo aquilo que a compõe, aspectos-chave para a compreensão sócio-histórica. Apreender as suas diversas camadas de sentido, buscando perscrutar nexos e contradições sociais, tem revelado novas problemáticas para os pesquisadores.

Nas palavras da antropóloga Elizabeth Travassos, a música popular, que desde a primeira metade do século XX se constituiu como um dos temas privilegiados do noticiário jornalístico, teve a sua relevância social, política e econômica não raras vezes desconsiderada ou até mesmo inferiorizada no meio acadêmico. O fato é que – dizia ela – “há não muito tempo os estudiosos da música popular precisavam convencer os colegas da dignidade de seu objeto, na dupla frente das ciências sociais e dos saberes musicológicos”¹. Salvo engano, já não precisamos, hoje, convencer

¹ Cf. TRAVASSOS, Elizabeth. “Pontos de escuta da música popular no Brasil”. In: ULHÔA, Martha; OCHOA, Ana Maria (orgs.). **Música popular na América Latina**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005, p. 94-111, esp. 95.

os nossos colegas neste sentido. A música popular no Brasil – que atualmente conta com várias referências de fôlego – vem conquistando um espaço significativo na academia². Por constatar, entretanto, que esse objeto plural de estudos ainda consiste num campo de conhecimento em construção, especialmente no que diz respeito às Ciências Sociais – nossa área de atuação em comum –, foi que pensamos e organizamos o dossiê *Música Popular e Interdisciplinaridade*.

Objetivamos, portanto, realçar análises empenhadas em articular produções e manifestações musicais (canções, discos e grupos), bem como elementos específicos à linguagem da música popular (como gravações e interpretações), com questões de cunho sócio-histórico, abordadas nos cinco artigos e nas duas resenhas contempladas no dossiê.

Abrindo a seção temática, José Adriano Fenerick, em “*Arrigo Barnabé e o pop-rock nos anos 80*”, discute a presença do rock e do pop na produção musical do ícone da chamada Vanguarda Paulista, tecendo, inicialmente, uma reflexão sobre a “dialética oculta” que haveria entre *vanguarda* e *música popular*. Arrigo, conhecido por suas ousadias quanto à utilização de procedimentos dodecafônicos e atonais na música, raramente é vinculado ao rock e ao pop dos anos 1980, uma relação que, permeada de criticidade e tensões, Fenerick elucida ao analisar algumas canções do emblemático disco *Tubarões Voadores* (1984).

² Ver, por exemplo: DIAS, Márcia Tosta. **Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura**. São Paulo: Boitempo/Fapesp, 2000; NAPOLITANO, Marcos. “**Seguindo a canção**”: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959-1969). São Paulo: Annablume/Fapesp, 2001; NAVES, Santuza Cambraia. **Canção popular no Brasil: a canção crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010; SANDRONI, Carlos. **Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933)**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Zahar, 2001; TATIT, Luiz. **O século da canção**. Cotia: Ateliê, 2004; VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988; ZAN, José Roberto. **Do fundo do quintal à vanguarda: contribuição para uma história social da música popular brasileira**. Tese de doutorado em Sociologia. Campinas: Unicamp/IFCH, 1996.

A cidade de São Paulo, berço de Arrigo e de seus companheiros da Vanguarda Paulista, foi também cantada por Adoniran Barbosa a partir da década de 1950 – período marcado por intensas transformações socioeconômicas no Brasil. As letras de alguns de seus sambas foram devidamente cotejadas com o debate sobre o desenvolvimentismo no país no artigo “*As faces sedutora e violenta do ‘progresso’ em Adoniran Barbosa*”. Thiago Franco, Lucas Andrietta, Thiago Aoki, Robson Gabioneta e Fernando Pedrazolli Filho, pesquisadores que se dedicam a explorar as fronteiras e as conexões entre o universo do samba e o das Ciências Humanas, nos mostram como o ideário do *progresso* foi a um só tempo retratado e denunciado em canções do célebre compositor.

Se o contexto ditatorial aparece até então como pano de fundo, ele agora dá o tom no artigo de Carlos Eduardo Amaral de Paiva. Em “*Wilson Simonal: vida e morte de um superastro negro*”, o autor avalia a polêmica relação do artista com o regime militar. No entanto, argumenta como tal relação camuflava o que de fato melhor explicaria o ostracismo pelo qual passou o “superastro negro”: as relações sociais estruturadas no mito da democracia racial.

Na esteira da problemática étnico-racial, combinada com a discussão de gênero, temos o artigo “*Leci e Januário: escritivências negras contemporâneas na música e fotografia*”. Elisângela de Jesus Santos e Vilma Neres Bispo demonstram, baseando-se na noção de *escritivências* de Conceição Evaristo, que canção e imagem, entrelaçadas, desvendam subjetividades e lugares de memória não separados das trajetórias e das relações sociais de Leci Brandão e de Januário Garcia, fotógrafo responsável por várias capas de discos da sambista, compositora e intérprete, como, por exemplo, os LPs *Coisas do meu pessoal* (1977) e *Essa tal criatura* (1980), destacados pelas autoras.

Os anos 1970 também contextualizam as análises de Nívea Lins Santos em “*A mimesis do Quinteto Armorial: uma busca pela autenticidade da música brasileira*”, no qual mobiliza o conceito de *mimesis* para sublinhar como o grupo idealizado

por Ariano Suassuna se orientava em prol da construção desta “autenticidade”. Reelaborando em sua produção musical uma gama de referências consideradas tradicionais e nordestinas, o Quinteto Armorial teria se posicionado criticamente à “modernidade” que se consolidava no Brasil naquela década.

Esse número da *Idéias* conta igualmente com seis artigos em sua seção livre. Os dois primeiros, assinados respectivamente por Maria Janaína Brenga Marques e por Aline Brasileira dos Santos Brito, desenvolvem reflexões na área de estudos da Filosofia. Em “*O livre arbítrio em Agostinho: gênese do conceito no livro VII das Confissões*”, Maria Marques, ao tratar das transformações da concepção de livre-arbítrio em Agostinho, salienta como esse processo esteve ligado à sua conversão ao Cristianismo. Aline Brito, em *Conceito de representação inconsciente em Kant e Wolff*, explora um assunto ainda recente, lançando mão de critérios de “clareza-obscuridade” para compreender as referências críticas desses dois pensadores acerca do conceito que enunciam.

Já em *Interfaces entre gênero e dependência química*, Janine Targino debruça-se sobre as experiências de mulheres quimicamente dependentes, enfatizando, ao entrecruzar referências bibliográficas com as entrevistas que realizou, o gênero como norteador de sua observação. Na sequência, Rosa Colman, Marta Azevedo e Bárbara Estanislau discutem, em “*Os Guarani e o seu modo de ser caminhante*”, teorias que procuram apreender o fenômeno da migração dos povos indígenas, sobretudo os Guarani e Kaiowá, articulando, para tanto, conceitos demográficos e de migração. E, finalizando esta seção livre, Vinicius Alves do Amaral problematiza o uso de princípios e métodos biográficos específicos ao ofício do historiador, jogando luz sobre o diálogo entre a historiografia e a literatura em seu artigo “*Beco sem saída ou ponto de partida?: a ilusão biográfica e os historiadores*”.

A tradução que incorporamos a este número da *Idéias* foi realizada por Danilo Arnaut e João Gomes da Silva Filho: “*Engajamento sociológico e a abordagem típico-idealista*”, texto,

homônimo ao original em francês, do sociólogo Alain Caillé, professor da Universidade Paris X-Nanterre e fundador da *Revue du MAUSS* (Mouvement anti-utilitariste dans les Sciences Sociales). A tradução corresponde à versão definitiva do texto, publicado em 2015 no livro *La Sociologie malgré tout: fragments d'une sociologie générale* (Presses Universitaires de Paris-Ouest). A partir de suas próprias experiências, Caillé nos oferece uma importante reflexão sobre o engajamento sociológico na atualidade.

Dois resenhas dedicadas à música popular, ambas de livros publicados em 2016, encerram este volume da revista. Na primeira, "*Um mapeamento das possibilidades da pesquisa em música sob a perspectiva das Ciências Sociais*", Carla Delgado de Souza traça um panorama de *Música e Ciências Sociais: para além do descompasso entre arte e ciência* (Curitiba, ed. Prismas), livro organizado por Carlos Sandroni e Dmitri Cerboncini Fernandes. Souza chama a atenção, sobretudo, para as inovações metodológicas que embasam os capítulos da coletânea, mesmo quando os seus autores revisitam temas já consagrados pela literatura. Na segunda, "*Novos paradigmas da produção musical independente no pós-internet*", Renato Gonçalves expõe com detalhes *Cena musical paulistana dos anos 2010: a "música brasileira" depois da internet* (São Paulo, ed. Annablume/Fapesp), livro de Thiago Galleta. Ao se concentrar na atual "cena musical paulistana independente", Galleta evidencia o quanto o advento da internet modificou radicalmente a produção, a veiculação e o consumo de música. Embora o livro, conforme salienta Gonçalves, deixe em aberto algumas questões referentes ao assunto proposto, visto que se trata de um fenômeno em processo, ele nos instiga a estar atentos aos desafios que se colocam para o estudo da música popular feita no Brasil na era da internet.

Certos de que o material que organizamos possa contribuir com novas agendas de pesquisa sobre a música popular, nós agradecemos a todos os membros do corpo editorial da revista que nos auxiliaram na elaboração deste dossiê, e, também, a Barbara Luisa Pires pela arte da capa, a Maria Cimélia Garcia e ao Setor de Publicações do Instituto de Filosofia e Ciências

Humanas da Unicamp. E, claro, somos especialmente gratos às autoras e aos autores dos artigos, tradução e resenhas que tornaram possível a concretização de mais este número da *Idéias*. Boa leitura!

Daniela Vieira dos Santos³

Rodrigo Pezsonia⁴

Sheyla Castro Diniz⁵

Editores da Revista *Idéias*, v. 8, n. 2, jul./ dez. 2017

³ Doutora em Sociologia pela Unicamp. Atualmente é pós-doutoranda junto ao Departamento de Sociologia da Unicamp, com bolsa da FAPESP. Autora do livro *“Não vá se perder por aí”*: a trajetória dos Mutantes. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010. Contato: santos.danielavieira@gmail.com.

⁴ Doutor em História Social (USP), mestre em Sociologia (UNICAMP) e licenciado em História (UNESP-Assis), atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado junto ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Contato: pezsonia@gmail.com.

⁵ Doutora e mestre em Sociologia da Cultura pela Unicamp; graduada em Música e em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia. Autora do livro *“... De tudo que a gente sonhou”*: amigos e canções do Clube da Esquina. São Paulo: Intermeios/Fapesp, 2017. Contato: sheyladiniz@yahoo.com.br.